UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

JUVENTUDES NAS UNIVERSIDADES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

MACEIÓ
2024

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

JUVENTUDES NAS UNIVERSIDADES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeire Reis

MACEIÓ

2024

ALCIMAR ENÉAS ROCHA TRANCOSO

JUVENTUDES NAS UNIVERSIDADES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06/12/2024

Orientador/a: Prof.. Dr. Rosemeire Reis da Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
ROSEMEIRE REIS DA SILVA
Data: 07/12/2024 14:18:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof./a. Rosemeire Reis da Silva (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br
JEANE FELIX DA SILVA
Data: 06/12/2024 19:12:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof./a. Jeane Félix da Silva (CEDU/UFAL)

2º. Membro

Documento assinado digitalmente
gov.br
JULIO CEZAR GAUDENCIO DA SILVA
Data: 06/12/2024 19:15:07-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Julio Cezar Gaudencio da Silva (ICS/UFAL))

3º. Membro

JUVENTUDES NAS UNIVERSIDADES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Alcimar Enéas Rocha Trancoso
alcimar@cedu.ufal.br

Rosemeire Reis
reisroseufal@gmail.com

RESUMO
A universidade é um ambiente das juventudes? Considerando o parâmetro etário apontado pelo Estatuto da Juventude pode-se afirmar que sim. Pergunta-se, então, dos estudos na produção científica brasileira que tratam das juventudes nas universidades se, para além dos saberes e da estruturação curriculares, investigam a relação destas pessoas com a universidade e suas implicações cotidianas. Considerando as universidades como ambientes plurais física e simbolicamente e as juventudes como categoria relacional, construída numa perspectiva histórica e social, propõe-se revisão sistemática da produção científica brasileira, com o objetivo geral de caracterizar de forma descritiva e analítica as pesquisas científicas no Brasil a respeito da relação das juventudes com o ambiente universitário, com especial atenção às do campo da educação realizadas com os/as jovens sobre seus desafios da vida universitária; e específicos de identificar na produção acadêmica brasileira artigos que tratam ao mesmo tempo das juventudes e universidades; caracterizar os artigos identificados quanto ao ano de publicação, qualificação dos periódicos, geografia da produção, universidades de referência, área do conhecimento, temas gerais e tipos de estudo, destacando aqueles que fazem pesquisa com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades; e analisar as características gerais, procedimentos metodológicos, principais temáticas e abordagem dada à universidade dos estudos que fazem pesquisa com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades, e estão ligados à área da educação. Realizou-se revisão sistemática de literatura com abordagem quanti-qualitativa, a partir de busca na plataforma *Google* Acadêmico utilizando dois grupos de descritores: 1) juventude / juventudes / jovem / jovens e 2) universidade / universidades / vida universitária / ambiente universitário. As palavras deveriam aparecer no título do artigo, em pares simultâneos compostos por uma palavra de cada grupo. A etapa de busca foi denominada exploratória. O material retornado pela plataforma foi trabalhado em mais três etapas: garimpagem, refinamento e análise. Dos 171 artigos retornados, 84 tratam em alguma medida da relação juventudes-universidades. De 2018 a 2022 ocorre o ápice das publicações, concentrando quase 55% da produção. A maior parte dos primeiros autores/autoras estava vinculada a universidades do nordeste (28,4%) e sudeste (27,4%) brasileiros e ao campo da educação (34,5%). Os estudos feitos com consulta direta a jovens são maioria (~70%) e, dentre estes, 29 discutem de fato a experiência de estar na universidade, quais demandas são mobilizadas, qual potencial reflexivo desvela. Das 18 áreas do conhecimento mapeadas destes 29 estudos, as com mais quantidades de artigos eram: educação (9 artigos ~31%), sociologia (7 artigos ~24%) e psicologia (5 artigos ~17%). A análise preliminar dos nove artigos relacionados à educação, aponta o interesse em questões referentes às dificuldades e estratégias relacionadas ao acesso e permanência na universidade; à formação de si como meio para compreender os sentidos atribuídos à vida universitária em articulação às suas necessidades e razões construídas em suas vidas e nas atividades de formação; e ainda à participação e protagonismo, problematizando a construção da subjetividade e do protagonismo pelo jovem estudante universitário.

Palavras-Chave: Juventudes. Jovens. Universidades. Vida Universitária. Revisão Sistemática.

1 INTRODUÇÃO

A universidade é um ambiente das juventudes? Tomando em conta o parâmetro etário para responder a esta pergunta, considerando que o Estatuto da Juventude compreende como jovem a população entre 15 e 29 anos de idade, pode-se afirmar que sim, com a ressalva de que grupos etários acima dos 24 anos de idade e mais especificamente acima dos 29 anos de idade começaram, nos últimos dez anos, a ganhar expressividade numérica dentre os que ingressam anualmente na educação superior[1].

De acordo com dados do Censo da Educação Superior realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Teixeira (Inep, 2024), de 1995 a 2023, anos para os quais os microdados referentes estavam disponibilizados[2] quando da elaboração deste artigo, há uma prevalência de jovens entre os ingressantes a cada ano. Considerando todas as categorias administrativas, do ano 2000 ao ano de 2013 houve uma estabilidade na relação jovens – não jovens, sempre considerando a baliza etária estabelecida pela legislação, quanto ao ingresso nas universidades brasileiras. No período mencionado observa-se que, para cada dez ingressantes, oito possuíam 29 ou menos anos de idade. A partir de 2014 o número de novos estudantes não jovens cresce proporcionalmente e alcança 28% chegando a quase 40% em 2023, ano do último censo divulgado. Já no que diz respeito somente as categorias administrativas públicas, a relação jovem – não jovem permanece em torno da proporção 80/20 ao longo dos últimos 23 anos, e no caso somente das instituições Federais, estabelece-se em algo em torno da relação 85/15 no mesmo período.

Portanto, sob as distintas categorias administrativas da educação superior no Brasil, as juventudes, conforme marcador etário estabelecido pelo Estatuto da Juventude, seguem sendo maioria ingressante nas universidades, centros universitários e faculdades brasileiras.

A partir desta constatação pergunta-se sobre os estudos na produção científica brasileira que tratam das juventudes nas universidades. Se, dentre os temas abordados, para além dos saberes e estruturação curriculares, tais pesquisas investigam a relação destas pessoas com a universidade, a instituição, o ambiente e suas implicações cotidianas, questionando, por

[1] Além disso, é importante ressalvar que há um grande contingente de jovens que não acessam a educação superior pelas barreiras que se interpõem, especialmente relacionadas ao déficit de vagas e de investimentos nas universidades públicas (Reis, 2022b), e não se deve perder de vista os limites das delimitações etárias evitando estabelecer um padrão normalizado para a experiência da juventude.

[2] Dados disponíveis em https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados. Salienta-se que a forma de organização dos dados varia ao longo do período. Para os anos 1995 a 1997 os microdados não oferecem possibilidade de desagregar por idade a quantidade de ingressantes.

exemplo, quais as expectativas destas juventudes, se estas expectativas são objeto de interesse, como estão sendo tratadas, quais conflitos vivenciam, quais experiências produzem neste ambiente e a partir dele.

Diante deste questionamento geral, considerando a necessidade de estabelecer um *corpus* para análise posterior e as limitações próprias deste artigo, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: qual o perfil geral das pesquisas brasileiras nas distintas áreas do conhecimento a respeito da relação entre as juventudes e as universidades?

A partir desta pergunta desenvolveu-se pesquisa do tipo revisão sistemática da literatura que teve como objetivo geral, caracterizar de forma descritiva e analítica as pesquisas científicas no Brasil a respeito da relação das juventudes com o ambiente universitário, com especial atenção às do campo da educação realizadas com os/as jovens sobre seus desafios da vida universitária.

Os objetivos específicos foram: 1) identificar na produção acadêmica brasileira artigos que tratam ao mesmo tempo das juventudes e universidades; 2) caracterizar os artigos identificados quanto ao ano de publicação, qualificação dos periódicos, geografia da produção, universidades de referência, área do conhecimento, temas gerais e tipos de estudo, destacando aqueles que fazem pesquisa com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades; e 3) analisar as características gerais (público-alvo, ambiente da pesquisa, objetivos de pesquisa), procedimentos metodológicos, principais temáticas e abordagem dada à universidade, dos estudos que fazem pesquisa com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades, e estão ligados à área da educação.

A pesquisa proposta encaixa-se no escopo do projeto de pesquisa em andamento Sentidos das experiências realizadas na vida universitária para a formação de si e para a relação com a docência, coordenado pela profa. Dra. Rosemeire Reis e vinculado ao Grupo de pesquisa Juventudes, Culturas e Formação da Universidade Federal de Alagoas (GPEJUV-UFAL), que procura analisar as contribuições e limites teórico/metodológicos da pesquisa biográfica em educação e, especialmente no que se refere a este artigo, "estudar os sentidos das atividades/experiências, enquanto processos formativos da vida universitária, para jovens estudantes, concluintes do curso de Pedagogia, aprendentes da docência e suas implicações para a formação de si e para a relação com a profissão docente" (Reis, 2022a, p. 11).

1.1 HISTÓRICO DE ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA

O tema é amplo e já figura nas preocupações formais da pesquisa científica brasileira pelo menos desde os anos de 1970 do século passado. Cardoso e Sampaio (1995) bem como Sposito (2009) apresentam importantes levantamentos bibliográficos dos estudos no Brasil a respeito das juventudes, aportando também questões sobre a relação entre juventudes e universidades.

No primeiro caso, o livro Bibliografia sobre a Juventude, composto por comentários bibliográficos em função de um amplo levantamento de trabalhos publicados sobre juventudes, as autoras apresentam mais de duzentos títulos, agrupados em cinco grandes temas, dentre eles um denominado juventude e educação. Nele é recorrente a reflexão sobre a relação juventudes-universidades, na sua maioria apresentada em livros, teses, dissertações, relatórios e outros escritos. São poucos os artigos, com destaque para o produzido por Cardoso e Sampaio (1994) que aborda aspectos relacionados ao trabalho do estudante universitário.

Já Sposito (2009) se propõe inventariar a produção acadêmica de teses e dissertações a respeito das juventudes, organizando em dez grupos temáticos as mais de 1290 obras recuperadas, apresentando metassíntese de cada um deles. Um dos grupos temáticos foi denominado Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional, sob a responsabilidade do pesquisador Paulo Carrano. Em meio à análise preliminar a respeito das pesquisas sobre as juventudes na revisão de literatura que faz, o autor observava: "apesar da existência de estudos sobre o tema, ainda sabemos muito pouco sobre as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso" (Carrano, 2009, p. 181), sendo esta última preocupação do autor tema de interesse apriorístico deste artigo.

As 149 produções acadêmicas analisadas e acomodadas sob esse tema geral dos jovens universitários, tratam da relação juventudes e universidades sob os temas Acesso e condições de permanência no ensino superior (27 trabalhos), Análise de trajetórias e longevidade escolar nos meios populares (12 trabalhos), Escolha, formação e inserção profissional (63 trabalhos) e Opinião, interesses e experiências de estudantes universitários (47 trabalhos), esse último subgrupo apresentando contribuições importantes que trazem à luz aspectos da relação juventudes-universidade para além da parte curricular subjacente.

Outra contribuição de Carrano (2009) é a menção sempre justa a Marialice Forracchi (1972) cuja obra – A juventude na sociedade moderna – é considerada a primeira no campo da sociologia a se debruçar sobre as juventudes e sua relação com a universidade. Como escreve Carrano (2009, p. 179), ao tratar da "rebelião da juventude [como] resposta possível à crise da sociedade moderna", Forrachi posiciona o movimento estudantil como "fenômeno

paradigmático dessa rebelião". E, como segue observando o autor, "são inúmeras as diferenças entre a universidade da análise de Foracchi, as questões geracionais de sua época e o contexto atual da relação entre jovens e universidade", não obstante, a pesquisadora insere na reflexão sociológica e educacional a díade juventudes-universidades.

Os dois estudos assemelham-se ao trabalho proposto na identificação dos temas presentes nos escritos científicos sobre juventudes e universidades e na constatação do lugar privilegiado da educação nesse processo. A diferença importante é o tipo de obra pesquisada: Cardoso e Sampaio (1995) qualquer tipo de escrito, científico ou não, Sposito (2009) somente teses e dissertações, ao passo que este trabalho somente artigos científicos publicados em periódicos.

Não há interesse aqui em apresentar elementos que possam ser comparados aos dois estudos citados acima. Mas, considerando a já mencionada amplitude temática, a partir da delimitação proposta, procura ater-se ao âmbito que evidencie de forma preliminar na produção científica os objetos de interesse, ou seja, o que tem chamado a atenção de pesquisadores e pesquisadoras no que diz respeito às juventudes nas universidades. Apesar do interesse *a priori* pelos sentidos das experiências realizadas na vida universitária para a formação de si e para a relação com a docência, escopo geral e pano de fundo deste trabalho conforme explicitado anteriormente, no processo de investigação aqui apresentado procurou-se não restringir ou direcionar a busca por artigos científicos de forma a privilegiar tal abordagem.

Além desta introdução, este artigo está estruturado em mais quatro seções. A seguinte traz ideias sobre universidades e juventudes como forma de apresentar o ambiente e os sujeitos abordados e a maneira como são considerados. A terceira seção discorre sobre o percurso metodológico e os procedimentos para estabelecimento do *corpus* e sua análise. Na quarta seção são apresentados os resultados propriamente ditos, ou seja, aqueles que procuram atender o requerido pelos objetivos específicos. Por fim, a quinta e última seção que traz algumas considerações finais e apontamentos para estudos futuros.

II JUVENTUDES E UNIVERSIDADES – ATORES/SUJEITOS E AMBIENTES

Tomando em conta a questão central de pesquisa, temos de um lado o ambiente universitário como o *locus* específico de interesse. É importante entender a expressão ambiente universitário a partir do parâmetro da pluralidade, pois são amplamente distintos em aspectos como estrutura física, quantidade e disposição dos prédios, qualidade e antiguidade destas construções, serviços ofertados dentro e fora do *campus*, existência e quantidade de *campi*,

localização, área total e construída, diversidade física da superfície do território delimitado, também naqueles relacionados à economia das trocas simbólicas afetando diretamente o valor atribuído *a priori* a este ou aquele local de formação e por conseguinte às pessoas que ali se formam e ao diploma gerado (Bourdieu, 2005).

Compreende-se este ambiente universitário como um território, que pode ser denominado como vida universitária (Reis, 2022b). Ela tem como cerne a cultura acadêmica, com suas dimensões objetivas, relacionadas às condições sociais dos/as jovens estudantes, que interferem nas possibilidades ou não de engajamento em atividades de ensino, de pesquisa, extensão, nas organizações estudantis, nos eventos científicos, culturais e, também, como lugar de encontros juvenis, com espaços de sociabilidades, o que diz respeito às suas dimensões subjetivas, propiciando ou não a construção de sentimentos de pertencimento e de reconhecimento de si como jovens/estudantes universitários, com seus marcadores de classe social, de raça e de gênero.

Como parte formal do sistema de ensino nacional e tomando em conta a caracterização da sociedade brasileira como sendo uma sociedade escolarizada, as instituições de ensino superior se inscrevem também no índice da estrutura escolar que "assume um papel importante no processo de educação das novas gerações, colocando-se no rol dos principais espaços de socialização secundária pelos quais passam os sujeitos" (Trancoso; Reis, 2021, p. 4).

Do outro lado da equação, temos sujeitos relevantes na ocupação desse ambiente: as juventudes. Estão consideradas neste estudo como uma categoria relacional, construída numa perspectiva histórica e social (Pais, 1990; Trancoso; Reis, 2021). É implicação direta desta perspectiva de que o ser jovem não brota da idade, mas recebe uma localização etária a partir de distintos fatores incluindo os grupos etários estabelecidos para uma gestão mais pragmática do desenvolvimento humano e da política pública.

Também está implicado neste entendimento da constituição dos grupos sociais, das juventudes especificamente, o fazer-se a partir do social, da presença de um movimento dialético entre o externo e o interno, ou seja, da convivência na sociedade, incluindo o grupo social composto pelos pares e a história pessoal. Conformando, como afirma Trancoso (2012, p. 163, grifos do autor), "um 'espaço' onde o cultural e o biográfico, entre encontros e desencontros, dividem a primazia, a depender do tipo de inserção nos contextos estruturais, históricos e culturais específicos e da própria biografia, [um] espaço criativo".

Não obstante, há vozes que historicamente requerem uma homogeneização da juventude, sintetizadas na sugestão comportamental conduzida pelos *mass media* (Pais, 1990). Não somente dela como conceito e materialidade, mas das mais distintas realidades, situações

e experiências pelas quais passam as pessoas, os distintos grupos sociais no seu processo de desenvolvimento.

Não existe, portanto, uma juventude como uma unidade social ou grupo dotado de interesses comuns que se vinculam per si à idade. Nesse sentido, a expressão juventudes torna-se uma forma gráfica e semântica de evidenciar as várias maneiras de a juventude se expressar e se organizar, pela heterogeneidade manifesta nas diferenças e desigualdades mais distintas: sexuais, étnicas, religiosas, socioeconômicas (Pais, 1990).

Na perspectiva sócio-histórica, as juventudes, a partir de distintos modos de aprender e relacionar com o mundo, têm a possibilidade de ampliar sua própria consciência frente ao seu processo constitutivo bem como sua capacidade de modificar seu entorno, à medida que aprendem e se desenvolvem (Vigotski, 2001). Uma categoria relacional em movimento. Um movimento que tem a universidade como um dos espaços em seu caminho, especialmente após o advento de políticas públicas voltadas especificamente para a ampliação de vagas, do acesso e da permanência na educação superior.

Pelo lado das universidades públicas destacamos o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) instituído pelo Decreto nº 6.096/2007 e as políticas de cotas de estudantes das escolas públicas, negros, indígenas e outros estratos sociais (Lei 12711/2012). De acordo os dados do INEP presentes nos relatórios dos censos da educação superior (Inep, 2024), havia no Brasil em 1998 cento e cinquenta e três universidades de todas as categorias administrativas, públicas e privadas, das quais trinta e nove eram federais, representando algo em torno de 25,5% do total de universidades do país. Desde então tem havido uma evolução sistemática da quantidade destas instituições federais de ensino superior apoiada, desde 2007, pelo Reuni, chegando a sessenta e nove em 2023, atingindo quase 34% do total de universidades.

Já o ensino privado foi positivamente afetado em termos de volume de ingressantes, pela instituição do Programa Universidade para todos (PROUNI) em 2004 e o fortalecimento do crédito educativo através do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), criado em 1999. No período do ano 2000 ao ano 2022 a proporção de jovens até 24 anos de idade e até 29 anos de idade em relação à população brasileira da mesma idade no mesmo período, sai de 2,25% e 2,01% para 6,15% e 5,36% respectivamente, considerando os dados dos relatórios do INEP (Inep, 2024).

Apesar de o crescimento proporcional de jovens nas universidades, pela ampliação da quantidade de vagas na educação superior incluindo as universidades públicas, pelo estabelecimento de canais exclusivos de acesso para grupos sociais vulnerabilizados, pelo

suporte socioeconômico à permanência e pela facilitação do acesso ao crédito educativo, tomando em conta os dados do Censo da Educação Superior fornecidos pelo INEP, não é possível afirmar somente por estes dados que há um impacto mais significativo destas políticas sobre os jovens na comparação com não jovens. Mas sim que os números apontam no período pós políticas, importante incremento no ingresso de ambas as populações na educação superior: de 273% para a população jovem e de 434% para a população não jovem.

III METODOLOGIA

3.1 A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Como escreve Sposito (2009, p. 7), "a produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência", especialmente considerando a crescente produção acadêmica nas mais variadas modalidades, a velocidade, diversidade e alcance dos meios de divulgação e disseminação utilizados na atualidade. Para uma ideia desta realidade, de acordo dados do *Scimago Journal & Country Rank* (2024), a partir de métricas produzidas no *Scopus*, em 1996 foram publicados no Brasil 9.216 documentos científicos. A quantidade salta para 51.151 no ano de 2010 e 92.890 em 2022.

Ainda que este aumento exponencial do volume da produção de escritos científicos no Brasil seja possível indicador de certo produtivismo acadêmico diretamente relacionado com a precarização do trabalho docente e a mercantilização da educação (Teixeira; Marqueze; Moreno, 2020), realizar inventários e balanços da produção são necessários até mesmo para identificar, no vasto e complexo cardápio da produção acadêmico científica, as tendências a respeito de determinado campo, bem como aquilo que pode ser tido como mais relevante a partir de determinada perspectiva e interesse de pesquisa.

A revisão proposta neste artigo possui abordagem quanti-qualitativa (Turato, 2005) pelo fato de, além de contabilizar e apresentar características diversas dos artigos analisados, estes foram definidos a partir de uma delimitação temática, cuja análise textual dos resumos e outras partes significativas do seu conteúdo permitiram aprofundar a compreensão de desafios que se apresentam para o estudo sobre a relação entre juventudes e universidades, se e como esta temática vem se legitimando como objeto de estudo.

Conforme apresentado em Cavalcante e Oliveira (2020) e em Codina (2024) procuramos realizar uma revisão de literatura do tipo sistemática, posto que formulamos uma

pergunta central; definimos a fonte, detalhamos a estratégia de busca dos artigos científicos e realizamos uma avaliação crítica para identificar dentre os achados os exemplares relevantes para o estudo; e procuramos interpretar os dados e informações coletadas e analisadas a partir das leituras procedidas. Ademais, o protocolo estabelecido permite dar transparência ao processo de seleção e extração dos dados e informações possibilitando "la trazabilidad, esto es, [permitindo] la replicación por parte de cualquier otro investigador" (Codina, 2024, p.4).

3.2 PERCURSOS E PROCEDIMENTOS PARA COMPOSIÇÃO DO *CORPUS*

Nos moldes de Trancoso (2012) e apoiado parcialmente em Zanella e Titon (2005), foram utilizadas quatro etapas delineadoras do percurso/procedimento para definição e tratamento do *corpus* de estudo: exploratória, garimpagem, refinamento e análise. A primeira, exploratória, caracterizou-se pela busca das produções científicas de onde seria retirada a amostra para verificação. A segunda etapa, garimpagem, pela triagem aplicada nos artigos encontrados na etapa exploratória, resultando na definição do *corpus*. Para isso, na totalidade dos artigos triados na etapa exploratória foram feitas leitura integral do resumo e flutuante daqueles cuja leitura do resumo não foi suficiente para determinar o vínculo com o objeto de pesquisa.

A terceira etapa caracterizou-se pelo estudo dos artigos componentes do *corpus*, seus metadados e conteúdo, este por meio também de leituras flutuantes. Como resultado desta etapa inclui-se a delimitação do subgrupo de artigos que fazem pesquisa com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades. Na quarta e última etapa denominada análise foram trabalhados exclusivamente os artigos do referido subgrupo formado na etapa anterior.

As duas primeiras etapas estão descritas a seguir nesta mesma seção, com a apresentação detalhada dos procedimentos utilizados bem como dos resultados obtidos. A terceira e quarta etapas, refinamento e análise, têm seus processos e resultados apresentados nas seções seguintes.

3.2.1 Etapa exploratória

Os textos para composição do *corpus* de estudo foram artigos científicos publicados em periódicos, sem delimitação de tempo, identificados e disponibilizados pela plataforma *Google* Acadêmico.

O uso do *Google* Acadêmico para a busca de informações de caráter acadêmico também tem sido objeto de reflexões. Com início de funcionamento no final de 2004 tendo disponibilizado uma versão em português já em 2006, a plataforma contribuiu para modificar o modelo de visibilidade até então utilizado para difundir os escritos com resultados da produção científica. A visibilidade de periódicos e consequentemente dos artigos neles publicados e dos respectivos autores/as estava sujeita basicamente ao poder financeiro dos editores e das bibliotecas para a sua aquisição, o que, dentre outras consequências condenava "a maioria das publicações editadas em países periféricos [e os temas do seu interesse] às estantes de poucas bibliotecas" (Mugnaini; Strehl, 2008, p. 93).

A análise das bases de dados que medeiam o acesso à produção acadêmico-científica tem passado por dois aspectos: o da amplitude da oferta e o da indexação de citações como forma de medir o impacto das publicações. Considerando apenas a primeira questão, em comparação com as bases de dados *Scietific Electronic Library Online* (SciELO), *Scopus* e *Web of Science* (WoS), o *Google* Acadêmico é a que possibilita acesso a uma maior diversidade da produção científica por aplicar um processo seletivo prévio menos rigoroso, cabendo isso, é claro, a quem pesquisa. Ainda que haja críticas e dúvidas quanto ao uso do *Google* Acadêmico para os estudos de citação e consequentemente de mensuração de impacto (Caregnato, 2011), sua utilidade é reconhecida quando o quesito é o acesso a um maior volume e diversidade de itens que permita estabelecer um panorama sobre determinado tema.

Nesse sentido, considerando o objetivo desta pesquisa, o *Google* Acadêmico se mostrou ferramenta apropriada para a execução das buscas pela produção científica em periódicos sobre juventudes e universidades.

No ambiente virtual de interação da referida plataforma utilizamos o recurso denominado Pesquisa Avançada. Definimos como descritores combinações entre dois grupos de palavras: o grupo 1 composto pelos termos juventude / juventudes / jovem / jovens e o grupo 2 pelas palavras universidade / universidades / vida universitária / ambiente universitário. Foram feitas todas as combinações possíveis sempre formando par com uma palavra do grupo 1 e outra do grupo 2. As palavras deveriam aparecer simultaneamente no título do artigo científico como forma de demonstrar a importância de ambas para autores e autoras. Além disso, programamos a plataforma para que as buscas fossem realizadas em páginas em português. Este rastreamento foi realizado em abril/2024.

Com a aplicação da combinação dos termos conforme descrito acima, o *Google* Acadêmico retornou 411 produções. Todas foram acessadas e passaram por uma varredura

inicial com o objetivo de identificar o tipo de produção, se artigo científico ou outro tipo, a partir da NBR6022 (ABNT, 2018).

Foram encontrados 171 artigos, perfazendo quase 42% do total das produções retornadas. Além dos artigos, nossa fonte de informações de interesse para o trabalho analítico, foram apresentados pela plataforma mais quatorze outras classes de produções acadêmico científicas. Anais de congresso, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e teses de doutorado foram os outros tipos que mais apareceram, totalizando os quatro algo em torno de 52% do material encontrado. Estas, juntamente com as demais produções que apareceram em menor quantidade (Anexo A), foram descartadas sem a necessidade de leitura do resumo ou leitura flutuante para determinação da aderência ao escopo da pesquisa.

3.2.2 Garimpagem: composição do *corpus* de estudo

Na triagem preliminar dos artigos encontrados, verificamos se possuíam as características que importavam à pesquisa: tratar da realidade brasileira, ainda que estivesse publicado em periódico estrangeiro, possuir os descritores no título e se atendiam ao escopo da pesquisa. Esta análise foi composta pela leitura atenta do título e do resumo de cada artigo e, quando necessário, pela leitura flutuante de todo seu conteúdo, o que ocorreu em poucos casos.

Dos 171 artigos verificados, oitenta e quatro (~49,1%) foram considerados apropriados para composição do *corpus* de estudo por tratarem de alguma forma do binômio juventudes e universidades. O restante, como pode ser conferido no quadro do Anexo B, foi desconsiderado por quatro razões: tratarem de outro objeto (35 artigos – ~20,5%), abordarem o tema a partir da realidade de outros países (24 artigos – ~14,0%), não apresentarem os descritores no título (9 artigos – ~5,3%) e serem repetidos (19 artigos – ~11,1%).

IV JUVENTUDES E UNIVERSIDADES: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS

A análise se deu a partir de dois movimentos para aprofundamento contínuo do processo de compreensão dos artigos e acercamento progressivo ao objeto de estudo deste trabalho. O primeiro, junto aos oitenta e quatro artigos, foi de caracterização geral, destacando informações como o ano de publicação, a classificação *qualis* dos periódicos utilizados, a geografia da produção, a área do conhecimento e tipos de estudo, dados que ajudaram a estabelecer um contexto geral da produção que de alguma maneira relaciona juventudes e universidades e a

identificar dentre o conjunto total, o subgrupo de artigos que apresentam pesquisas com os/as jovens ao mesmo tempo em que tratam das relações juventudes-universidades.

Em seguida, utilizando de mais leituras flutuantes, o segundo movimento ocorreu exclusivamente junto a esse subgrupo. Realizamos sua classificação a partir das áreas de conhecimento, dos temas estudados e objetivos perseguidos, os tipos de estudos empreendidos, bem como a perspectiva apresentada a respeito da relação entre juventudes e universidades, com atenção especial aos artigos relacionados à educação.

4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

4.1.1 Ano e classificação dos periódicos de publicação

Os oitenta e quatro artigos selecionados para esta análise foram publicados em oitenta e quatro periódicos distintos e se espalham dos anos de 1998 a 2023, conforme apresentado no quadro disponibilizado no Anexo C.

Um artigo (~1,2%) foi publicado antes dos anos 2000, onze (~13,1%) de 2000 a 2009, cinquenta (~59,5%) de 2011 a 2020 e vinte e dois (~26,2%) de 2021 a 2023. Percebe-se um crescente volume de artigos sobre distintas intersecções entre as juventudes e as universidades em meio à produção acadêmica ao longo dos anos de referência das publicações triadas na etapa de garimpagem. A mesma tendência de aumento das reflexões a esse respeito aparece no material desconsiderado para análise, com mais de 83% da produção publicada a partir de 2011, com forte incremento nos três últimos anos, especialmente no que diz respeito aos trabalhos acadêmicos nos níveis de doutorado, mestrado e graduação.

Ainda de acordo os dados dispostos no quadro do Anexo C, mais de 57% dos artigos selecionados (48 unidades) foram publicados em revistas classificadas como A de acordo o evento de classificação do quadriênio 2017-2020 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo a maioria (~29%) em revista A2. Os trinta e seis artigos restantes estão distribuídos entre as revistas classificadas como B (29 artigos) e C (5 artigos). Duas publicações não tiveram a classificação do respectivo periódico verificada pelo fato destes – os periódicos Boletim Alfenense de geografia e Revista da ESPM – não terem sido encontrados na plataforma da CAPES onde são informadas tais classificações.

Grosso modo, não entrando na discussão a respeito da validade dos critérios de qualidade adotados até então na avaliação e consequente classificação dos periódicos feita pela CAPES (Yamashita, 2023), há uma grande concentração dos artigos sobre juventudes e suas

relações com e nas universidades em periódicos de alto impacto nacional e internacional, tomando em conta que mais de setenta e um porcento dos oitenta e quatro artigos da amostra analisada localizam-se em periódicos A (48 unidades) e B1 (12 unidades). Sem tomar a classificação Qualis-CAPES como um fim em si mesmo, este fato aponta para a própria relevância e crescente alcance do tema no cenário da produção científica no Brasil.

4.1.2 Geografia da produção e universidades de referência

Os primeiros autores e autoras dos artigos analisados, no momento da publicação dos respectivos escritos, possuíam vínculos acadêmicos, profissionais ou de formação, com instituições de ensino superior de todas as grandes regiões brasileiras. Uma menor concentração nas regiões Norte e Centro Oeste, sendo aproximadamente 8,3% (7 pessoas) na primeira e 14,3% (12 pessoas) na segunda. Em seguida a região Sul com 21,4% (18 pessoas) das filiações acadêmicas, a região Sudeste com quase 27,5% (23 pessoas) do total de autores e autoras, e a maior concentração na região Nordeste com 28,6% (24 pessoas). Ver quadro do Anexo D.

Das vinte e sete unidades da federação, seis não apresentaram relação entre autores/autoras e instituições de ensino ali localizadas. São elas o Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Nas demais unidades havia pelo menos uma autoria relacionada, com destaque para o Rio de Janeiro com oito, Bahia, Minas Gerais e Paraná com sete cada.

Com relação aos periódicos, os dados apresentaram uma concentração significativa no Sudeste. Trinta e seis dos oitenta e quatro artigos (~42,9%) foram publicados em periódicos localizados nesta região. O Norte e o Centro Oeste seguem com as menores taxas, respectivamente 3,6% (3 periódicos) e 13,1% (11 periódicos), e o Sul e o Nordeste com percentuais mais próximos um do outro, em torno de 17,9% (15 periódicos) e 20,2% (17 periódicos), nessa ordem. Dois eram periódicos internacionais. Os veículos de divulgação científica apresentavam-se localizados em dezenove unidades da federação. Oito unidades não possuíam periódico relacionado: quatro no Norte (Acre, Amapá, Rondônia e Roraima), três no Nordeste (Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte) e um no Sudeste (Espírito Santo).

O quadro 1 a seguir traz a identificação das Instituições de Ensino Superior (IES), também por grande região brasileira, complementando as informações identificatórias de autoria expostas até então. As Universidades Federais do Ceará, do Recôncavo Baiano, do Rio Grande do Sul e de Goiás lideravam com quatro autores cada.

Quadro 1: Instituições de Ensino Superior, por grande região, às quais estavam vinculados os primeiros autores na data da submissão do artigo ao respectivo periódico, 2024.

Grande Região	Instituição de Ensino Superior (IES)	Quantidade em cada IES	Total
Nordeste	UFC, UFRB	4	24 (28,6%)
	UFAL, UFPB	2	
	FCCERN, FUNDAJ, SALT-FAP, UERN, UFCG, UFPI, UFRPE, UFS, UFSB, UNEB, UNICAP, UNILAB	1	
Sudeste	UNIFAL	3	23 (27,4%)
	UFES, UFF, UNIRIO	2	
	Instituto Isabela Hendrix, ESPM, FCJP, FESPS, PUC-MG, UENF, UERJ, UFMG, UNESP, UFRRJ, UFV, USC, USF, USP	1	
Sul	UFRGS	4	18 (21,4%)
	UEL, UFFS, UFPR, UNICENTRO, UNISUL	2	
	UFSM, UTFPR, UESC, UCS	1	
Centro Oeste	UnB	5	12 (14,3%)
	UFG	4	
	PUC-Goiás	2	
	UCB	1	
Norte	UFPA	3	7 (8,3%)
	UFT	2	
	UFAM, UFRR	1	

Fonte: os autores.

4.1.3 Área do conhecimento e objetivos gerais dos estudos

O quadro dois a seguir apresenta três características dos artigos analisados: área de conhecimento, participação dos/das jovens nas pesquisas, e se discute a relação juventudes nas universidades. Em relação à área de conhecimento, definida como sendo a área de formação de maior nível do primeiro autor quando da submissão dos manuscritos, observando o quadro abaixo, há uma preponderância do campo da educação, seguido pela psicologia e sociologia nos três indicadores, o que inclui a discussão sobre juventudes e universidades. Nesse aspecto, segue a mesma tendência observada por Sposito (2009), na análise da produção acadêmica sobre juventudes de maneira geral, e por Carrano (2009) nas pesquisas sobre jovens universitários.

Quadro 2: Artigos classificados com relação à área de conhecimento[3], considerando a área de formação de maior nível do primeiro autor, 2024.

Área do Conhecimento	Sobre Jovens	Com jovens	Juventudes e universidades	Área do Conhecimento	Sobre jovens	Com jovens	Juventudes e universidades
Educação	7	22	9	Geografia	1	1	1
Psicologia	4	7	5	Psicanálise	1	1	1
Sociologia	1	10	7	Ciência Política	0	1	0
Ciência Sociais	5	2	1	Ciências da Saúde	0	1	0
Administração	1	3	0	Des. Comunitário	0	1	1
Antropologia	1	2	2	Farmácia	0	1	0
Direito	2	1	1	Fisioterapia	0	1	0
Direitos Humanos	2	1	1	Medicina	0	1	0
Teologia	0	2	0	Políticas Públicas	0	1	0

Fonte: os autores.

Sobre a participação dos/das jovens, dos oitenta e quatro artigos caracterizados, cinquenta e nove (~70%) trazem estudos realizados por meio de consulta direta a jovens. Desses, vinte nove artigos tratam das relações entre juventudes e universidades e serão abordados a seguir. Os outros trinta direcionaram seus objetivos para outras questões. Uma visão panorâmica a esse respeito pode ser vista no Anexo E.

O quadro 3 a seguir apresenta um panorama geral dos vinte e nove artigos mencionados acima, relacionando-os quantitativamente à área do conhecimento nos mesmos moldes do quadro 3, ao tipo de estudo (Zanella; Titon, 2005)[4] e ao tema geral da abordagem designados a partir das definições apresentadas pelas próprias autorias.

A perspectiva apresentada no quadro abaixo, reflete sinteticamente parte do resultado da caracterização descritiva e analítica dos artigos retornados pelo banco de dados a partir da metodologia de busca utilizada. Em resumo, dos 171 artigos encontrados a partir dos descritores, oitenta e quatro tratam de alguma forma da relação juventudes – universidades e vinte e nove desses discutem de fato a experiência de se estar na universidade, como isso é processado pelas pessoas jovens, quais demandas são mobilizadas, qual potencial reflexivo desvela todo percurso. Não foram encontrados durante a realização desta pesquisa estudos semelhantes para comparações, de modo que neste momento não há como dizer qual o significado histórico deste número.

[3] Formação de maior nível do primeiro autor considerando a data de submissão do manuscrito.

[4] As autoras estabelecem sete tipos: análise documental, dados secundários, estudo de caso, levantamento, levantamento bibliográfico, teóricos, outros. Dentre os 29 artigos apareceram somente dois tipos: Estudo de caso e Levantamento. Como são em menor quantidade (cinco estudos), os estudos do tipo **Levantamento** estão identificados no interior do quadro 4 com a letra **L**. Os demais são do tipo **Estudo de caso.**

Quadro 3 – Área do conhecimento, tipo de estudo e tema geral dos artigos que apresentam pesquisas com juventudes nas universidades, 2024.

	Acesso e permanência	Adaptação à universidade	Formação de si	Participação e Protagonismo	Racismo	Total
Educação	6		2	1 (L=1)		9
Sociologia	5 (L=1)				2	7
Psicologia	1 (L=1)	4 (L=1)				5
Antropologia	1		1			2
Ciências Sociais		1				1
Direito		1				1
Direitos Humanos	1					1
Geografia				1 (L=1)		1
Política Pública	1					1
Psicanálise			1			1
Total	15 (L=2)	6 (L=1)	4	2 (L=2)	2	29

Fonte: os autores.

A maioria (~52%) reflete a respeito daquilo que envolve acesso e permanência na universidade. No que diz respeito à área de conhecimento, a educação responde pela maior parte da produção também neste subgrupo. Por questão da limitação da quantidade total de páginas para a produção deste trabalho e de tempo para concluir a análise completa dos vinte e nove artigos, optamos por apresentar aqui, de forma preliminar, análise do conjunto dos artigos produzidos no campo da educação, que, conforme explicitado no quadro 4 acima, soma nove exemplares, espalhados por três temas: acesso e permanência, formação de si e participação e protagonismo.

Além de terem sido conduzidos por pesquisadores e pesquisadoras cuja formação de maior nível quando da submissão do artigo ao respectivo periódico era a educação, trazem em comum, não obstante a diversidade de seus temas gerais e consequentemente dos seus objetivos, o fato de apresentarem para a reflexão elementos simbólicos e pragmáticos que auxiliam no diálogo a respeito da constituição dos/das jovens como estudantes universitários, e na compreensão de como se relacionam “suas necessidades e razões construídas em suas vidas e nas atividades de formação” (Reis, 2022b, p. 40). O quadro 4 abaixo apresenta as informações básicas desses artigos produzidos a partir da área educação, ordenados por ano de publicação: autoria e título.

Quadro 4 – Artigos produzidos a partir da área de conhecimento educação, com jovens, cujos objetivos tratam das relações entre juventudes e universidades.

Autoria	Título
Sacramento (2009)	Rompendo Fronteiras: quando jovens de origem popular chegam à universidade
Côco *et al*. (2013)	Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares
Vasconcelos e Gomes (2016)	Subjetividade e protagonismo de jovens estudantes na universidade em expansão
Doebber e Bergamaschi (2020)	Jovens indígenas na universidade: movimentos de apropriação e re-existência
Sousa e Therrien (2022)	A universidade como espaço plural para a formação profissional, pessoal e cultural de jovens potiguara
Melo e Cavalcante (2019)	Enfrentamentos dos (as) jovens do vestibular social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás: estratégias de acesso e permanência
França e Tostes (2021)	A trajetória de jovens negros e negras na Universidade: desafios e possibilidades
Reis (2022b)	Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si
Reis (2023)	Automedialidade e ressonância para a formação de si de jovens na universidade: ateliê com blogs reflexivos

Fonte: os autores.

4.2 A EDUCAÇÃO E A DISCUSSÃO COM JUVENTUDES NAS UNIVERSIDADES

4.2.1 Acesso e permanência

Os estudos de Sacramento (2009), Côco *et al*. (2013), Doebber e Bergamaschi (2020), Sousa e Therrien (2022), Melo e Cavalcante (2019) e França, Tostes (2021) discutem diretamente questões relacionadas ao acesso e permanência dos/das jovens na universidade.

Somente Melo e Cavalcante (2019, p. 376) apresentam conceituação do termo permanência, mencionando duas dimensões: material e simbólica. Para além da materialidade, a permanência "pauta-se tanto pelas condições de subsistência que satisfazem as necessidades materiais (materiais didáticos, operacionais e equipamentos), bem como pelas necessidades simbólicas de pertencimento, que incluem a participação em grupos de pesquisa e extensão, e as condições de inserção ou de sobrevivência no sistema de ensino". Os demais artigos tratam o termo permanência de forma tácita.

Mesmo sem mencionarem o conceito, considerando Zago (2006)[5] e Santos (2009), aparecem nos artigos, como menor ou maior frequência, elementos da permanência simbólica: conexão com a comunidade de origem, incluindo aspecto teleológico à permanência: aproveitar o tempo na universidade está mais ligado ao aprendizado curricular para o ideal de aplicação futura junto às comunidades de origem (Sacramento, 2009; Doebber, Bergamaschi, 2020; Sousa, Therrien, 2022) e reflexões sobre pertencimento (Côco et al., 2013; Doebber, Bergamaschi, 2020; Sousa, Therrien, 2022; França, Tostes, 2021).

Contudo, tomando em conta a dimensão simbólica da permanência a partir de Santos (2009)[6], pelo direcionamento dado à reflexão sobre as informações levantadas junto aos/às jovens, percebe-se em todos os autores e autoras maior importância para com os aspectos materiais da permanência, em especial o suprimento das necessidades de sobrevivência (moradia, alimentação, deslocamentos) e pedagógica.

Sobre o contexto da pesquisa, jovens de origem popular, negros, negras e indígenas são o público-alvo conforme observa-se na designação de cada título. Procedem suas investigações a partir de pressupostos qualitativos utilizando principalmente de entrevistas para a obtenção dos conteúdos junto aos/às jovens. Além disso, Côco *et al*. (2013) se valem de diários de campo e memoriais, Doebber e Bergamaschi (2020) da etnografia e Sousa e Therrien (2022) da pesquisa (auto)biográfica. Três estudos, Doebber e Bergamaschi (2020), Sousa e Therrien (2022) e França e Tostes (2021) não fazem menção a autores/autoras ou reflexão sobre a perspectiva de juventudes utilizada.

Somente Melo e Cavalcante (2019) conduz sua pesquisa em universidade privada. Não obstante, apenas França e Tostes (2021) faz menção direta em seu texto ao programa de expansão de unidades federais das instituições de ensino superior empreendida a partir de meados da década anterior através do REUNI. Com exceção de Sousa e Therrien (2022), os demais mencionam as políticas públicas de acesso e as que regulamentam os auxílios permanência nas variadas modalidades, considerando-as importante componente nos diálogos desenvolvidos com os/as jovens participantes dos estudos.

Os objetivos circulam em torno de analisar problemas enfrentados no processo de permanência na universidade incluindo questões financeiras, culturais, raça e de gênero;

[5] É importante salientar que Zago (2006, p. 235) não utiliza o termo permanência material ou simbólica. Foca sua análise no que denomina de sobrevivência material do estudante, que traz custos pessoais. Tais custos pessoais, "privar-se do cinema, teatro, espetáculos, eventos científicos, aquisição de livros e revistas" e ainda a menção a apropriar-se da cultura acadêmica e às relações com o meio de origem podem ser considerados como elementos embrionários da reflexão sobre aspectos simbólicos da permanência.

[6] Identificação com grupo, sentir-se pertencente, produção das condições de inserção e sobrevivência no sistema de ensino, e assim vivenciar a universidade.

eficácia de programas e políticas específicas de apoio; estratégias para manutenção de laços comunitários; construção de sentimento de pertença, identidade cultural; repercussões da presença de determinados grupos nas instituições de ensino; relação das experiências culturais anteriores com o acesso e permanência no curso superior. As reflexões sobre questões identitárias estão mais presentes nos estudos envolvendo população indígena.

Como resultados, em linhas gerais, o acesso e a permanência aparecem como dificuldades para as quais estratégias são criadas, tanto por parte dos indivíduos e seus familiares como do Estado. No caso do acesso tais estratégias remontam ao esforço, disposição e possibilidades dos indivíduos para se prepararem para a prova de acesso – concorrer pelo regime de cotas (Sacramento, 2009), frequentar cursinhos preparatórios (Côco *et al*., 2013), bolsas de estudo e cotas (Doebber; Bergamaschi, 2020) e estratégias específicas como o vestibular social mencionado por Melo e Cavalcante (2019).

Já a permanência aparece nos estudos muito relacionada, por um lado, à disposição individual, ao aprender o ofício de estudante (Melo; Cavalcante, 2019)[7], ao suporte da família e das redes de sociabilidade, pois, "embora seja uma conquista pessoal [a entrada no curso superior], move um círculo de relações mais ampliado, indicando que a aspiração (associada a um sonho realizado) não é pensada individualmente" (Côco *et al*., 2013, p. 39, grifos das autoras), e por outro, à busca por atividade remunerada aliadas à participação do estudante em programas governamentais de apoio disponibilizados nas universidades (Sacramento, 2009).

Melo e Cavalcante (2019) reforçam a persistente existência de processos de exclusão de jovens da educação superior no Brasil, não obstante o alcance do acesso e os incentivos para a permanência. Devido as dificuldades financeiras, pouco tempo para dedicação ao curso já que muitos dividem os estudos com o trabalho, sofrimento ético-político (Sawaia, 2001), jovens não conseguem permanecer nas instituições de ensino superior ou se submetem a um processo de formação deficiente.

Nos cinco estudos que mencionam políticas públicas ligadas à minimização das desigualdades sociais, étnico-raciais com vistas a aumentar as taxas de diplomação dentre os estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, identifica-se a ideia de que tais políticas ampliaram as possibilidades de acesso, mas não dão suporte, na mesma medida, a ações efetivas para a permanência do/da jovem no curso universitário, principalmente considerando a permanência não somente como o oposto de evasão, mas como

[7] As autoras também se referem a este aprendizado como um movimento de adesão ao ambiente acadêmico, fator decisivo para a permanência do/da estudante na universidade.

"reconhecimento dos sujeitos no espaço ocupado na instituição [suprindo] necessidades simbólicas de pertencimento" (Melo; Cavalcante, 2019).

Há, portanto, quase um consenso em torno de que há mais soluções pensadas para o acesso e menos para a permanência, muito provavelmente por esta envolver mais questões estruturais e complexas do que a primeira. Fica mais evidente ao pinçarmos desses artigos problemas/questões identificadas que os perpassam transversalmente: migração em busca da educação superior, suporte financeiro para suprir necessidades básicas e acadêmicas, importância da rede de sociabilidade, a solidão[8], a mudança de ambiente e as novas vivências por força das trocas materiais e simbólicas próprias desses ocorridos, o complexo espaço escolar plasmado no fato de "ao mesmo tempo em que educa para formar cidadãos antirracistas, na prática torna-se reprodutora das relações raciais desiguais" (Celestino; Oliveira, 2022, p. 44), a baixa conexão entre os níveis escolares, não somente do ponto de vista acadêmico e curricular, mas do ofício a ser aprendido para estar ali a partir daquilo que socio-historicamente caracteriza cada ambiente.

Nesse sentido, Côco *et al*. (2013, p. 43) avaliam "que os estudantes [estando na universidade] não encontram referências na escolarização anterior, não podem recorrer aos seus apoiadores de jornada e seus interlocutores não dão conta da complexidade de suas necessidades". Esta requerida integração entre os distintos níveis escolares pode contribuir positivamente para a escolha do curso, conhecimento dos espaços, das regras socialmente construídas, pensamento corroborado por Sacramento (2009).

Em linhas gerais a relação juventudes-universidades é percebida como algo dinâmico com as duas partes ocupando espaços ativos nos dois processos analisados: o acesso e a permanência. Se de um lado os estudos focalizam o/a jovem em busca dos meios acadêmicos para o acesso, por outro, a universidade é considerada responsável, por meio de sua própria gestão e através do Estado, em relação ao provimento de instrumentos capazes de possibilitar arranjos diversos por parte dos/das jovens em função de sua permanência e conclusão bem-sucedida da educação superior. A universidade também aparece com maior peso no que se refere à preparação dos jovens para o mercado de trabalho (Sacramento, 2009; Melo, Cavalcante, 2019) e, além disso, com o mesmo peso, ofertar formação humana e cultural (Côco et.al., 2013; Sousa, Therrien, 2022) e apoiar movimentos de transformação (França; Tostes, 2021)

[8] "Ainda que se reconheça uma ampliação do círculo de amizades, a tão sonhada conquista [estar na universidade/no curso superior] vai agregando também um sentimento de solidão, questionador da pertença ao espaço" (CÔCO *et al*., 2013, p.43, grifos das autoras).

4.2.2 Participação e Protagonismo

O estudo de Vasconcelos e Gomes (2016) discute protagonismo de jovens estudantes, com foco nos processos de subjetivação e participação na relação com os/as professores em sala de aula, na universidade. Sua pesquisa foi desenvolvida em universidade privada e procurou, por meio de estudos de casos múltiplos "investigar aspectos da interação social entre estudantes e professores, de modo a contribuir para o entendimento da subjetivação e do protagonismo no ambiente da sala de aula da universidade" (*ibid*., p. 220).

Vinculam a concepção de protagonismo à ideia de autonomia do ser educando em Freire (2009) e sua pedagogia dialógica, apoiadas no imperativo ético de reconhecer-se cada um como ser incompleto, portanto, "no contexto em que educandos e educadores são agentes ativos de suas escolhas e seus percursos de vida, tendo o direito de manifestar críticas, aceitar ou recusar determinados valores e interesses e de construir representações culturais" (Vasconcelos; Gomes, 2016, p. 223). Não problematizam a concepção de protagonismo juvenil, comparando, por exemplo, com perspectiva mais afeta a uma cidadania forjada para/no contexto neoliberal, sendo nela as pessoas instadas a serem atores das suas ações políticas e econômicas numa espécie de ativismo privado, disciplinador (Souza, 2009), abrindo espaço para a exacerbação da culpabilização dos/as jovens, individualmente, por seus fracassos e conquistas na sociedade.

Destacam a expansão global da educação superior, mas não trata especificamente do Brasil. Apesar de utilizarem como referência bibliográfica legislações nacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Estatuto da Juventude e o Plano Nacional de Educação, não fazem em seu texto menção às mesmas como políticas públicas que incidem de alguma forma sobre a relação juventudes-universidades. No entanto, avaliam "a nova educação superior, sucessora da elitista, tradicional, [aparentemente movendo-se] no contexto da massificação com perda da qualidade" (Vasconcelos; Gomes, 2016, p. 221).

O objeto de interesse dos autores é o protagonismo no processo de aprendizagem com foco na sala de aula. Percebem relativo ressentimento estudantil em função da oscilação do processo educacional entre o formar e o informar, priorizando mais a informação – aspectos cognitivos – em detrimento das questões socioemocionais-culturais da educação.

Corroboram com Melo e Cavalcante (2019) a respeito da necessidade de o aluno aprender o ofício de estudante como forma de não se sentir estrangeiro no seu novo espaço social que é a universidade. Também com Sousa e Therrien (2022), considerando a formação para o mercado de trabalho aliada à importância de enxergar as múltiplas possibilidades da participação do estar na universidade nos processos de subjetivação.

Enxergam a relação juventudes-universidades como uma via de mão dupla, um protagonismo forjado sob a esteira da valorização da interação social: “desse modo, a conquista do protagonismo acadêmico se delineia na valorização de atitudes e comportamentos positivos de estudantes e professores (a boa interação) e no objetivo de formar-se para o mundo do trabalho” (Vasconcelos; Gomes, 2016, p.231). Para os autores, é nesse processo de interação denominado de respeitoso, como imperativo ético, que a articulação entre os processos informativos e formativos podem se dar com participação ativa dos/das jovens.

4.2.3 Formação de si

Reis (2022b, 2023) discute a relação juventudes-universidades a partir da temática formação de si, concebida originalmente como *bildung,* palavra alemã que significa formação, mas formação de si mesmo, da pessoa, no sentido de desenvolvimento e aperfeiçoamento próprio (Leite, 2016; Delory-Momberger, 2014). Mas avança para concepção de formação como processo reflexivo, dando-se pela interpretação das experiências vivenciadas na trajetória de vida. Nesse sentido, os dispositivos de pesquisa formação, além de conhecimentos para a pesquisa, também se tornam experiências de formação de si, compreendida como aquela que rompe com a perspectiva instrumental, técnica, de aprender para atender aos interesses da sociedade capitalista, tendo em vista processos de distanciamento reflexivo sobre o mundo, os outros e si mesmo (Reis, 2023).

Os referidos estudos foram desenvolvidos em universidade pública federal. O primeiro estudo

> analisa as contribuições das narrativas de si para compreender os sentidos que as juventudes atribuem à vida universitária e como se articulam às suas necessidades e razões construídas em suas vidas e nas atividades de formação [...] considerando que a vida universitária deve garantir o direito de participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão às juventudes que ascendem à universidade (Reis, 2022b, p. 34, grifos da autora).

Já o segundo procura “evidenciar os pressupostos teórico-metodológicos e alguns dos efeitos de ressonância desse dispositivo para a formação de si de dez jovens estudantes de uma universidade pública federal, que dele [participaram] entre os anos de 2018 e 2019” (Reis, 2023, p. 3). O dispositivo ao qual a autora se refere, para além de uma ferramenta, pode ser definido como um conjunto de espaços de criação propiciado aos estudantes mediadores de reflexões sobre si, nesse caso, a respeito da vida universitária, dos sentidos atribuídos a esta experiência. Na pesquisa em questão, constituíram o referido dispositivo as práticas de ateliê com *blogs* reflexivos.

Propõe reflexão sobre as ainda persistentes dificuldades de acesso e permanência nas universidades no Brasil mesmo identificando avanços gradativos a partir dos anos 2000 (Reis, 2022b), reforçando o exposto por Melo e Cavalcante (2019), tendo em vista o contexto histórico da produção do artigo. Em contrapartida, Reis (2023) concentra-se na apresentação do dispositivo de pesquisa-formação como potente meio formativo para as juventudes.

Perpassa os dois estudos a ideia de universidade como espaço para viver a juventude, assertiva entendida em toda sua complexidade, imbricando a multiplicidade de coisas que se apresentam no contexto sócio-histórico e são subjetivadas – subjetivação refletida, como propõe a autora, posto serem as pessoas constituídas por práticas sociais, simbólicas, materiais e históricas. E nesse sentido tem como importante atentar para o processo de afiliação dos/das jovens à vida universitária que é dinâmico, plural, rico em ressignificações constantes "realizadas pelos/as jovens em sua construção como estudantes, e não têm uma linearidade" (Reis, 2022b, p. 33).

As narrativas de si são apresentadas pela autora como potentes procedimento e espaço de formação e lugar de aprendizagem, auxiliando processos reflexivos do/da jovem a respeito da nova experiência que é a vida universitária: quais implicações tem trazido, quais limitações são percebidas, quais alternativas são vislumbradas etc. E, ao considerar as narrativas de si dentro desse escopo de pesquisa-formação entende que "os(as) participantes podem passar de uma subjetivação coercitiva a uma subjetivação refletida e mais autônoma enquanto práticas de si" (Reis, 2023, p. 11), a autora entende que favorece os processos de permanência[9], sucesso acadêmico e aprendizagem para a vida por possibilitar ao/à jovem vislumbrar motivos para aprender, perceber como e para que os espaços da vida universitária se apresentam e quais são mais significativos no seu processo de afiliação.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando em conta a universidade como espaço ocupado pelas juventudes, ainda que haja restrições objetivas ao acesso e permanência para parte considerável da população jovem em especial a de baixa renda (Melo; Cavalcante, 2019; Reis, 2022b), procuramos desenvolver revisão bibliográfica com a intenção de caracterizar descritiva e analiticamente pesquisas científicas no Brasil a respeito da relação das juventudes com o ambiente universitário.

[9] Mesmo sem referir-se a isso explicitamente.

O processo de busca se apresentou efetivo. Por meio de aproximações sucessivas ao material obtido pela busca empreendida na plataforma *Google* Acadêmico, identificamos a princípio cento e setenta e um artigos que atendiam aos descritores, desses, oitenta e quatro respondiam positivamente aos critérios de trabalhar de alguma forma a relação juventudes-universidades e, considerando aqueles que realizaram pesquisa com consulta direta aos/às jovens, vinte e nove abordaram como objeto e objetivo a relação juventudes-universidades, as diferentes questões do viver a juventude na vida universitária, como algo que vai se estabelecendo no âmbito da apropriação cotidiana, suas implicações e o que mobilizam.

Contudo, considerando não ter havido limitação temporal para a busca, pode-se considerar que não houve quantidade significativa de estudos retornados. Como não identificamos durante esta pesquisa estudos similares para comparações, poderá ser realizada busca posterior em meio às dissertações e teses para exercício comparativo ou testar o uso de novos descritores para pesquisa em periódicos, como por exemplo o termo universitários/as.

A análise do material revelou a importante participação das universidades do nordeste brasileiro na produção do conhecimento sobre as juventudes nas universidades, bem como da educação, confirmando estudos já realizados (Carrano, 2009; Sposito, 2009).

Os nove estudos no campo da educação analisados mais amiúde apontam, cada um em sua especificidade, limites do alcance das políticas públicas relacionadas ao acesso e à permanência de jovens nas universidades. Tais políticas não devem ser consideradas como garantia, mas como ponto de partida para constantes avanços protagonizados pelos diversos coletivos juvenis. Desconsideram, por exemplo, especificidades da multiplicidade de juventudes que podem querer adentrar a universidade. Capitaneadas pelas delimitações etárias estabelecidas, pressupõem uma espécie de jovem padrão urbano.

O tema do acesso e permanência, além de ter sido objeto específico da maioria dos autores e autoras dos artigos analisados, pode ser considerado tema transversal das discussões do campo da educação apresentadas aqui. Os nove artigos apontam nas suas conclusões elementos que incidem diretamente nesses processos fundamentais e apriorísticos para a vida universitária, tanto nos aspectos materiais como simbólicos.

Vasconcelos e Gomes (2016) por exemplo, avalia que há tendência global de massificação da educação superior com aceitação de perda da sua qualidade. Utiliza a palavra permanência somente uma vez no artigo analisado. Contudo, aponta os valores e interesses mais percebidos e/ou requeridos na interação estudantes-professor – respeito, interesse pela aula/pelo curso, desejo de presenciar mais diálogo e amizade, transmissão de conhecimentos, preparação

para a vida, conexões da atividade teórica com as práticas de trabalho – como capazes de contribuir para melhor vivenciarem a sala de aula e a universidade (Santos, 2009).

Também Reis (2022b, 2023), sem utilizar o termo permanência, indiretamente trata de tal questão ao realizar a pesquisa com as juventudes sobre desafios para aprender na universidade, sobre espaços e processos significativos vivenciados na vida universitária para as experiências juvenis e formação de si, que implica na ampliação de seus repertórios e modos de compreensão do mundo e das perspectivas de afiliação.

A relação com a universidade é percebida, de forma geral, como algo dinâmico, que demanda ações intencionais de ambos os lados – juventudes e universidades – para que o objetivo precípuo dessa relação seja alcançado. Os autores e autoras que escrevem sobre o tema acesso e permanência vislumbram uma relação mais pragmática. Apesar de tratarem ainda que tacitamente de aspectos da permanência simbólica, apontam, tanto pelas informações coletadas dos/das jovens como pelo direcionamento analítico que dão ao material, para a necessidade de mecanismos de apoio ao suprimento das carências materiais da permanência. Vasconcelos e Gomes (2009) acrescentam o elemento participação nesta relação. A partir da sala de aula, na interação cotidiana entre discentes-docentes, as juventudes devem buscar exercer protagonismo, entendido como autonomia dialógica (Freire, 2009). Por sua vez, Reis (2022b; 2023) avança no sentido de colocar na equação a compreensão das universidades como espaço para se viver a juventude, não dissociando a busca pelo atendimento dos aspectos materiais e simbólicos da vida universitária das diferentes dimensões que se vive a juventude.

Em certa medida, os estudos analisados respondem parcial, mas positivamente, às contribuições que deveriam ser dadas por estudos futuros (Carrano, 2009, p. 181): inventariar e analisar as múltiplas variáveis configuradoras da condição de ser estudante, as desigualdades de escolarização entre as classes sociais, e ampliar conhecimento sobre "as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso".

Tal percepção reforça a necessidade de concluir a caracterização analítica dos demais vinte artigos relacionados às áreas da sociologia, psicologia, antropologia, ciências Sociais, direito, direitos humanos, geografia, política pública e psicanálise, completando o estudo dos artigos considerados de maior interesse para esta pesquisa, por tratarem diretamente com os/as jovens e terem como objeto a relação juventudes-universidades.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6022: **Informação e documentação**: artigo em publicação periódica técnica e/ou científica. Rio de Janeiro, 2018.

Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005

Cardoso, Ruth. Sampaio, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, v. 9, n. 26, 1994.

Cardoso, Ruth. Sampaio, Helena. (Org.). **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 1995.

Caregnato, Sonia Elisa. *Google* Acadêmico como ferramenta para os estudos de citações: avaliação da precisão das buscas por autor. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.5, n.3, p. 72-86, dez 2011.

Carrano, Paulo. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: Sposito, Marilia Pontes. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009. 2 v.

Cavalcante, Lívia. Oliveira, Adélia. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020.

Celestino, Rafael. Oliveira, Angelo. Jovens indígenas da etnia Kanela do Araguaia na universidade Federal de goiás (UFG). **Revista AlembrA**, v. 4, n. 8, jan.-jun., 2022.

Côco, Valdete. Soares, Letícia. Bragança, Nelma. Cardoso, Raiane. Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 32, p. 33-50, set./dez. 2013.

Codina, Lluís. "Revisiones tradicionales, sistemáticas o de alcance: ¿cómo elegir el tipo de revisión de la literatura que corresponde en cada caso? **Infonomy**, v. 2, n. 2, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.3145/infonomy.24.021, Acesso em 04 mai. 2024.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs). **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Delory-Momberger, Christine. **História de Vida e Pesquisa Biográfica em Educação**. Natal: EDUFRN, 2024.

Doebber, Michele. Bergamaschi, Maria. Jovens indígenas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: movimentos de apropriação e re-existência. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n.13, p. 243-269, maio/ago. 2020.

França, Marileide. Tostes, Adriele. A trajetória de jovens negros e negras na universidade: desafios e possibilidades. **Revista da ABPN**, v. 13, Ed. Especial, p. 9-36. 2021.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Texeira. **Sinopse Estatística da Educação Superior, resultados de 1995 a 2023**. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <Resultados — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep>. Acesso em: 27 de out. 2024.

Foracchi, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

Leite, Rita de Cássia Nascimento. A formação de si (Bildung) do estudante universitário. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

Melo, Gilza. Cavalcante, Claudia. Enfrentamentos dos(as) jovens do vestibular social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás: estratégias de acesso e permanência. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 29, n. 3, p. 369-384, jul./set. 2019.

Mugnaini, Rogério. Strehl, Letícia. Recuperação e impacto da produção científica na era Google: uma análise comparativa entre o Google Acadêmico e a Web of Science. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf**., Florianópolis, n. esp., p. 91-105, 1º sem. 2008.

Pais, Jose Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-166, 1990.

Reis, Rosemeire. **Sentidos das experiências realizadas na vida universitária para a formação de si e para a relação com a docência**. Projeto de Pesquisa Bolsa Produtividade CNPq. Processo: 316126/2021-7. Maceió: UFAL, 2022a.

Reis, Rosemeire. Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si. **Debates em Educação**. v. 14, n. 35, p. 30 – 57, Maio/Ago. 2022b.

Reis, Rosemeire. Automedialidade e ressonância para a formação de si de jovens na universidade: ateliê com blogs reflexivos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, 2023, v. 08, n. 23, p. 01-19, 2023.

Sacramento, Hellen. Rompendo Fronteiras: quando jovens de origem popular chegam à universidade. **Scientia Plena**, v. 5, n. 11, 2009.

Santos, Dayane. **Para além das cotas**: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.

SCImago, (n.d.). SJR — **SCImago Journal & Country Rank** [Portal]. 2024. Disponível em: <http://www.scimagojr.com>. Acesso em: 06/07/2024.

Sousa, Elaine. Therrien, Jacques. A universidade como espaço plural para a formação profissional, pessoal e cultural de jovens Potiguara. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.15, n.43, p. 122-140, jan.-abril 2022.

Souza, Regina. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, v.1, n.1, p. 1-28, 2009

Sposito, Maria. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009. 2 v.

Teixeira, Talita da Silveira Campos; Marqueze, Elaine Cristina; Moreno, Claudia Roberta de Castro. Produtivismo acadêmico: quando a demanda supera o tempo de trabalho. **Revista de Saúde Pública.** v. 54, p. 117, 2020.

Trancoso, Alcimar. **Juventudes**: o conceito na produção científica brasileira. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Alagoas, UFAL, 2012.

Trancoso, Alcimar. Reis, Rosemeire. Criatividade no cotidiano de jovens: o lugar da escola e da experiência. **Cad. Pesqui**., São Paulo, v.51, 2021.

Turato, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de saúde pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, Jun. 2005.

Vasconcelos, Ivar. Gomes, Candido. Subjetividade e protagonismo de jovens estudantes na universidade em expansão. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 219-234, 2016.

Vigotski, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Matins Fontes, 2001.

Yamashita, Marcelo. Lista Qualis e a duvidosa qualidade dos critérios de qualidade. **Questão de Ciência**, 2023.

Zago, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-370, maio/ago. 2006.

Zanella, A. V.; Titon, A. P. Análise da produção científica sobre criatividade em programas brasileiros de pós-graduação em psicologia (1994 - 2001). **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, ago. 2005.

ANEXO A – TOTAL ABSOLUTO E RELATIVO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS RETORNADAS PELA PLATAFORMA *GOOGLE* ACADÊMICO A PARTIR DA APLICAÇÃO DOS DESCRITORES, CLASSIFICADAS POR TIPO, FEVEREIRO 2024.

Tipo de Produção	Quantidade	Percentual
Artigos	171	41,61%
Anais de congresso	91	22,14%
Dissertação	63	15,33%
TCC	34	8,27%
Tese	24	5,84%
Repetido	8	1,95%
Livro	7	1,7%
Relatório	4	0,97%
Resenha	3	0,73%
Capítulo de livro	2	0,49%
Editorial	2	0,49%
Referências	1	0,24%
Projeto de dissertação	1	0,24%
Total	411	100,00%

Fonte: os autores.

ANEXO B – CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS QUANTO À ADERÊNCIA AO OBJETO DA PESQUISA, À REALIDADE BRASILEIRA, À PRESENÇA DOS DESCRITORES NO TÍTULO E À EXCLUSIVIDADE NA LISTAGEM.

Classificação dos Artigos	Quantidade	Percentual
Selecionados para composição do *corpus* primário	84	49,1%
Abordam outro objeto	35	20,5%
Tratam de realidade internacional	24	14,0%
Repetido	19	11,1%
Não possuem descritor no título	9	5,3%
Total	171	100%

Fonte: os autores.

ANEXO C – ARTIGOS ORGANIZADOS COM RELAÇÃO AO ANO DE PUBLICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DO PERIÓDICO, SEGUNDO O QUALIS-CAPES 2017-2020, 2024[10].

Ano da Publicação	Classificação Qualis-Capes											Total
	A1	A2	A3	A4	B1	B2	B3	B4	B5	C	Não Classificada	
1998										1		1
2006			1		2							3
2007		1	1							1		3
2008	1	1										2
2009		2		1								3
2011				1	1						1	3
2012				2		1						3
2013	2					1						3
2014			1	1	1		1					4
2015	1		1					1	1			4
2016	2	1	1	2	1							7
2017		1			1							2
2018	1	1	2	1	1		2					8
2019		1	2	1			2					6
2020		4		2	1		1	1		1		10
2021			3	1	1	3	1			1		10
2022		1	1		2			1	1	1	1	8
2023	1	1		1	1							4
Total	8	14	13	13	12	5	7	3	2	5	2	84

Fonte: os autores.

[10] De acordo informações da CAPES, haverá alterações passando o artigo ser o objeto de classificação e não mais o periódico (https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-adotara-classificacao-de-artigos-na-avaliacao-quadrienal)

ANEXO D: FILIAÇÃO ACADÊMICA DOS PRIMEIROS AUTORES NO MOMENTO DA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO E PERIÓDICOS CLASSIFICADOS QUANTO À LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA POR GRANDE REGIÃO BRASILEIRA, 2024.

Regiões	Autores		Periódicos	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Norte	7	8,3%	3	3,6%
Nordeste	24	28,6%	17	20,2%
Centro Oeste	12	14,3%	11	13,1%
Sudeste	23	27,4%	36	42,9%
Sul	18	21,4%	15	17,9%
Internacional	0	0,0%	2	2,4%
	84	100,0%	84	100,0%

Fonte: os autores.

ANEXO E – PANORAMA GERAL: ARTIGOS QUE APRESENTAM ESTUDOS REALIZADOS COM CONSULTA A JOVENS, MAS NÃO TRATAM DA RELAÇÃO JUVENTUDES-UNIVERSIDADES

Trinta artigos direcionaram seus objetivos para questões majoritariamente ligadas a três temas. Ao (a) comportamento das juventudes (9 artigos) buscando caracterizar padrões de consumo, de compras online, prevenção de DST e gravidez, bem como opiniões a respeito de temas sociais e políticos; (b) ao mercado de trabalho (6 artigos) analisando processo de formação, transição universidade-mercado de trabalho, orientação profissional, percursos profissionais e desafios que se apresentam aos graduandos e recém egressos; e (c) à responsabilidade social universitária (5 artigos) avaliando programa de apoio estudantil e serviços ofertados à comunidade por meio dos programas e projetos de extensão.

Os dez restantes relacionavam-se a outros temas e tinham como objetivo refletir sobre participação política das juventudes, processos de aprendizagem com foco na mediação por artefatos digitais e no interesse/desinteresse pela leitura (2 artigos cada) e ainda traçar perfil sociobiográfico e cultural de jovens universitários, refletir sobre concepção de Deus, impacto nos planos de futuro e na qualidade de vida a partir da formação/sucesso escolar, dificuldades relacionadas ao acesso e permanência na universidade, formação de si e relação do conceito de juventudes com a ideia de universidade (1 artigo cada).

A universidade[11], para quatorze desses trinta casos, foi considerada como um local para a pesquisa, não sendo abordada de maneira específica, como um espaço ativo, de interações e

[11] Dos trinta artigos referidos aqui, somente um foi produzido a partir de em um contexto de centro universitário.

possibilidades. Em outros nove artigos, ela é apresentada mais focada na relação ensino-aprendizagem com vistas ao acesso ao mercado de trabalho e ao acesso a conhecimentos possibilitadores de transformações na qualidade de vida dos indivíduos e das suas comunidades. Nos sete artigos restantes ela é posta como uma instituição com responsabilidades sociais, incluindo as juventudes – a clientela – como objeto destas responsabilidades, um ambiente que per si é conflitante com a fé e o vínculo religioso, e um espaço para atuação imediata das juventudes como sujeitos políticos.